

## Conclusão

A moeda mais cara para o homem atualmente é o tempo. Temos tão pouco tempo que nossa ideia de lazer é de um tempo roubado. O que dizer, então, do tempo da leitura? Não a leitura de trabalho ou obrigatória, mas a leitura pelo prazer, o prazer do texto. Dentro de nosso tempo, saturado, comprometido e preenchido, a leitura pode parecer uma atividade supérflua. Alentamos a culpa de que, quando lemos, estamos roubando tempo, tempo de vida. Mas que engano! A leitura é uma maneira de dilatar nosso tempo de vida. Quando abrimos um livro, automaticamente desdobramos tempo e espaço. Estamos vivendo as obrigações da vida – no aqui e agora de um tempo comprimido – e adicionamos a esse percurso, o tempo da leitura – que é o da fantasia e da imaginação. Junto com ele, somos transportados também para um novo espaço de imagens que se formam no palco de nosso inconsciente. O tempo de leitura é inegociável, assim como o tempo para amar. Ou alguma vez nos negamos a ter tempo para amar?

Este trabalho surgiu do amor pelos livros para voltar a esse mesmo amor. Não como uma volta no mesmo eixo, mas, como numa espiral, esse amor cresceu e se consolidou em diálogo com o amor de outros leitores, leitores cegos. Comecei este trabalho imaginando que estava na dianteira: eu enxergava, eu pesquisava, eu conhecia os teóricos, eu ia como guia, à frente deles com meu báculo. Era eu a mulher do médico em *Ensaio sobre a cegueira*. Mas, também como ela, aprendi aos poucos a observar em silêncio os gestos, os movimentos e as vozes desses cegos, a entrar um pouco no mundo deles. Ao cabo de alguns dias, tinha perdido o meu báculo, estava no escuro do labirinto textual, e, por incrível que pareça, os meus guias para chegar ao centro foram eles. Não tinha mais a ilusão de ser a única dona do fio de Ariadne. Ele me foi estendido por esses homens de olhos enfermos, mas de mãos firmes, que, junto comigo, trançaram e teceram os fios deste texto.

Resisti bastante para me igualar à condição dos meus “sujeitos de estudo”, mas é inegável: todo leitor quando inicia um texto é cego. O seu ato de criação, intervenção e diálogo com o texto virá dessa constatação. Mas também o prazer

ilimitado, o prazer quase infantil da leitura, vem dessa cegueira temporária: despir-se momentaneamente dos julgamentos, dos requisitos, das intenções e entregar-se de olhos fechados ao conteúdo. Fazer como a criança que contempla o brinquedo, examina-o e fecha ligeiramente os olhos para tocá-lo. A sensação é de medo, um frio na barriga, de entregar-se ao invisível, ao abismo. Medo experimentado pelo leitor de John Milton, jogado no meio das trevas junto aos anjos caídos, medo que acossou Dante em sua viagem pelos mundos desconhecidos. Mas nós leitores sabemos que esse medo é inicial. Vencido ele, nossos olhos se acostumam com a escuridão e, na penumbra, recobram a força e iluminam os caminhos do texto. E não apenas porque vemos a página diante de nós, mas porque, ao fim da leitura, ressurgimos iluminados, despertamos uma capacidade de visão interior.

Tanto o processo de leitura como o de escrita partem desse silêncio, dessa forma de escuridão. Não é um caos, é apenas uma breve sensação de vazio a partir da qual se esboça o primeiro gesto, o primeiro traço ou se dá o primeiro passo em direção a uma trajetória narrativa. Sabemos que, depois, tanto o escuro como o silêncio vão ser os melhores companheiros nessa jornada que começaremos a traçar. De desconhecidos, passam a próximos, companheiros, elementos que vão alentar a nossa leitura. Como escuridão, podemos entender a confusão, a desorientação, mas também a excitação inaugural diante da página em branco, da tela esperando para ser pintada, do livro que ainda não foi aberto. É uma “escuridão visível” porque, sob o manto negro, existem frestas, fendas, espaços por onde podemos espiar. E, apenas com o detalhe do que entrevemos no outro lado, decidimos se atravessamos ou não. Mas, se não atravessarmos, como saberemos o que podemos encontrar lá? Grande parte do mistério da criação literária – seja pelo lado do autor ou de seu leitor – reside neste desafio.

Quando decidimos enfrentá-lo, estamos nas mesmas condições de um cego: nenhuma garantia, nenhuma ideia de que caminho tomar, nenhuma visão do que acontecerá adiante. Precisamos de coragem: a mesma que garante audácia dos cegos. Todos os leitores e autores que estudei neste trabalho mostram esta coragem: perderam o que de mais valioso tinham para a percepção de seu mundo de papel, a visão, e continuaram lendo, criando, caminhando, interpretando, dividindo e dialogando. Não conseguiriam seguir em frente, claro, se não pudessem contar com os seus guias, pessoas que vão auxiliá-los na criação dos

textos e na leitura. Nós videntes também temos os nossos guias nas pessoas que amamos e admiramos, nos autores que nos desafiam, nos textos de que gostamos e conhecemos e dos quais, a partir de numerosas releituras, retiramos uma e outra vez lições de vida. Esses guias também são parte da luz que ilumina o nosso caminho pela vida e pela literatura. Dante estava certo quando escolheu três guias diferentes para atravessar os mundos sobrenaturais: um guia da razão, Virgílio, um guia de amor, Beatriz, e um guia místico, São Bernardo. Como leitores, podemos não perceber, mas dialogamos frequentemente com esses guias em nossas passagens pelo texto. Eles estão encarnados nos pais, nos mestres, no amante, no filósofo e em todas as pessoas cujas opiniões de leitura são caras e importantes para nós. Estamos sempre “devendo” uma leitura para uma pessoa amada. Eu não percebi no princípio, mas terminei o trabalho com a sensação de missão cumprida. Eu também devia essas leituras aos meus pais, que contavam histórias para mim antes de dormir; a todos os cegos que visitei e conheci no Instituto Benjamin Constant; ao meu professor Aristides, que no terceiro ano ginásial me ensinou a amar a leitura; a Jorge Luis Borges e João Cabral de Melo Neto, porque me ajudaram a me apaixonar mais e mais por literatura e me indicaram tantas outras leituras especiais a partir de suas inteligências e escritas tão particulares. Um dever prazeroso, uma prestação de contas ainda inacabada que provavelmente farei com alegria para o resto da minha vida.

Apreendi também que uma leitura compartilhada, dividida, tinha as mais belas compensações. A ideia inicial de perda da privacidade, que erroneamente imaginei para os cegos, encontra o contraponto no ganho de reencontrar o outro ou de reencontrar a si mesmo através do outro. Ler junto, ler com e através da companhia escolhida. E nunca pensar que um ou outro guia ou é guiado através do texto, mas que andam de mãos dadas, descobrindo as veredas em parceria. Deixar de lado todo preconceito em relação à leitura em voz alta e encará-la como a restauração da antiga Trindade: leitor, *ledor* e texto. Mas para isso é preciso se permitir, dar a si mesmo, a possibilidade de retornar ao prazer da escuta. Redescobrir a escuta, apurar os ouvidos, deixar que a voz do outro entre não como uma intrusa, mas como companheira. O poder dessa voz, antológico e mitológico, deve restaurar a melodia, a música de fundo que nos acalma e embala na jornada textual. É reencontrar a voz amada, com poder de nos fazer voltar à memória confortável de nossas primeiras leituras. Todo o trabalho do leitor e do criador

cego é de refazer a sua jornada para o encontro de duas vozes: a voz interior e a voz amada. Ele precisa, no escuro, despertar a sua voz interior, aquela que comenta, discorda, concorda, afirma e critica o texto. O seu diálogo interior é original que vai possibilitá-lo participar do texto e recriá-lo. As escolhas para reencontrar essa voz podem ser o *Braille*, a leitura do DOSVOX pelo computador, a reflexão antes do ditado. A voz amada, ele vai descobrir através da voz do *ledor*, é ela que resgatará em sua memória o conforto dos contos e acalantos de infância e o desejo de voltar a ler.

Diante desses reencontros, não se trata mais de estabelecer uma tensão entre ouvido e olho, ou voz e palavra, mas de encontrar o meio-termo em que essas forças se articulam para gerar o que nós chamamos de leitura e de escrita. O olho vê, detecta, examina e absorve o mundo de uma maneira quase totalizante, ele também é o principal guia durante a leitura, mas não é o único e nem é o principal responsável pelas imagens afetivas que formamos e guardamos em cada leitura. A voz é o que nos faz sair do corpo, mas também o que escutamos internamente quando alguma sensação nos toca lá onde os ritmos e melodias dos órgãos, das vísceras e do coração são construídos. Ler e produzir textos mexe com a sensibilidade de ambos os sentidos: visão e audição. O ideal é que as dicotomias, o poder de um ou de outro, neutralizem-se para dar espaço a uma grande sinfonia que articule esses e os outros sentidos, orquestrada harmonicamente pela batuta de quem lê ou escreve. Os leitores, videntes ou não, não podem se enganar com os prazeres do olhar ou do ouvir, mas usá-los em benefício da própria leitura.

Esquecidos esses antagonismos, encontrada a voz amada, estabelecidos os guias que os ajudarão a caminhar pelo texto, os cegos tratados aqui neste trabalho vão reativar as funções da memória e do arquivo. Para voltar a desenvolver as habilidades críticas de leitores e autores, eles recorrerão ao uso da memória, reatualizando as funções dos poetas antigos e dos aedos. A memória vai ser o tesouro onde serão guardados os textos, as imagens, as vozes, as pessoas, as paisagens e os lugares. Todo leitor tem seu próprio acervo, um acervo que pode estar guardado há muito tempo ou ter sido esquecido, mas que permite a ele a intertextualidade com os textos literários e com os textos do mundo. Com esses fragmentos, ele criará uma biblioteca mental, própria, que é o complemento, a extensão de sua biblioteca física. É nessa biblioteca de paredes e prateleiras

móveis que irá organizar os seus arquivos mentais, os livros sonhados, inventados, reformulados, as paisagens que resumem livros, os poemas que o fazem recordar dos lugares e das pessoas. Encontrar o fio da memória para refazer esses arquivos imateriais e, a partir deles, recriar a leitura é uma das maneiras que o leitor cego terá de manter viva e aquecida a matéria textual. Essas atividades garantem a sobrevivência dos textos que foram perdidos pelo contato visual.

Feita e organizada a biblioteca mental, resta dar vida ao mundo de papel, à biblioteca física. Nesse momento o *lector* será fundamental. Os livros nunca serão esquecidos, porque estarão sempre sendo manipulados. A “matéria morta” que se esconde entre as folhas reviverá através da voz e da figura do *lector*. O egoísmo se esvai, no lugar dele forma-se uma dupla: os dois partilham, releem, apresentam um para o outro livros novos. O mundo de papel, que estaria fadado à aridez do deserto, povoa-se novamente porque ganha dois, às vezes mais, habitantes. O brilho da página volta a reluzir em meio à escuridão. Com a luz que vem de fora apagada – a luz que ajudou a interromper as interessantes conversas dos jantares porque fazia os melhores prosadores irem para os seus leitos ler –, instaura-se novamente a conversa, a prosa. Esses leitores cegos não perdem nada, apenas reduzem o caminho que, como leitores videntes, fazemos: lemos, calamos, decantamos e depois vamos compartilhar nossas descobertas com aqueles que amamos. Os leitores cegos, de volta ao escuro, compartilham diretamente, porque o escuro pede prosa e é nele também que os autores vão criar, nas noites interrompidas por sonhos ou pesadelos, nos momentos insones de pensamentos que chegam aos borbotões.

O que podemos concluir e, mais do que isso, aprender com leitores e autores que ficaram cegos é que todo ato de leitura e criação é feito, a princípio, na cegueira, no escuro. E o esforço que cada um tem que fazer é o de realmente fechar os olhos para confiar nessa escuridão primordial e inaugurar os primeiros passos a partir daí. Porque o caminho será sempre difícil e desconhecido, mas é preciso confiar na sensibilidade e nos meios internos para conseguir chegar até o final. No meio da caminhada, fatalmente os nossos olhos internos – luzes do espírito, do conhecimento e da inteligência – vão se acender. E, a partir daí, como leitores, criadores, articuladores, não teremos mais medo do texto, a fera está domada, a escuridão está visível. E isso acontece não apenas porque transformamos o percurso ao passar por ele, mas porque ele acabou de

transformar-nos, iluminar-nos. Saímos enxergando melhor a luz do mundo e a luz de nós mesmos.

Eu me lembro de que Alberto Manguel disse uma vez que o homem moderno não tem mais tempo de terminar de ler, apagar a luz de um candeeiro, respirar fundo e olhar o céu. Terminei de escrever a última página da minha pesquisa, imprimi esta folha, desliguei o computador e fui olhar o céu. E, talvez porque eu ainda possa usar os meus olhos para ler, talvez porque eu aprendi tanto com esses autores e leitores cegos ou talvez porque simplesmente confirmei o meu amor pela leitura, as estrelas esta noite pareciam mais brilhantes.